

# SAMUEL BECKETT - ESPERANDO GODOT- PARTE 1

Edição pocket (#PLOC\_programa de leitura online contemporânea)  
Para uso comercial ou montagem, entre em contato com o detentor dos direitos autorais.

PERSONAGENS:

ESTRAGON

VLADIMIR

POZZO

LUCKY

UM MOÇO

## PRIMEIRO ATO

*Caminha em um descampado, com árvore. Entardecer.*

*ESTRAGON, sentado no chão, trata de descalçar-se com ambas as mãos. Detem-se e, esgotado; descansa, ofegando; volta a começar. Do mesmo modo. Entra VLADIMIR*  
*ESTRAGON. (Renunciando novamente.) - Não há nada a fazer.*

*VLADIMIR. (Aproximando-se de passos curtos e rígidos, separadas as pernas.) - Começo a acreditá-lo. (Fica imóvel) Durante muito tempo resisti a acreditá-lo, dizendo-me —*  
*“VLADIMIR, seja razoável; ainda não tentou tudo.” E reemprendia a luta. (Reconcentra-se, pensando na luta. Ao ESTRAGON) Assim que outra vez aí?*

*ESTRAGON. - Te pareces?*

*VLADIMIR. - Me alegra voltar a ver-te. Acreditava que te foras para sempre.*

*ESTRAGON. - E eu.*

*VLADIMIR. - Como celebraremos este encontro? (Reflete) Vens que te beijo. (Estende a mão ao ESTRAGON)*

*ESTRAGON. (Irritado) - Logo, logo.*

*(SILÊNCIO)*

*VLADIMIR. (Molesto, friamente) - Pode saber-se onde passou a noite o senhor?*

*ESTRAGON. - Na sarjeta*

*VLADIMIR. (Surpreso) - Onde?*

*ESTRAGON. (Imutável.) - Por aí.*

*VLADIMIR. - E não te sacudiram?*

*ESTRAGON. - Sim..., não muito.*

*VLADIMIR. - Os de sempre?*

*ESTRAGON. - Os de sempre? Não sei.*

*(SILÊNCIO)*

*VLADIMIR. - Quando penso..., sempre... pergunto-me o que teria sido de ti... sem mim... (Com decisão.) Sem dúvida, não seria agora mais que um montão de ossos.*

*ESTRAGON. - (Ferido ao vivo.) E que mais?*

*VLADIMIR. (Aniquilado.) - É muito para um homem sozinho. (Pausa... Vivazmente) Por outro lado, por que se desanimar neste momento? É o que eu me pergunto. Teria sido necessário pensá-lo faz uma eternidade, por volta de mil e novecentos.*

*ESTRAGON. - Basta! Ajude-me a tirar esta porcaria.*

*VLADIMIR. - Juntos, tivéssemos sido os primeiros em nos jogar da Torre Eiffel. Então, sim que o passávamos bem. Agora já é muito tarde. Nem sequer nos deixariam subir. (ESTRAGON volta para seu calçado.) - O que fazes?*

*ESTRAGON. - Descalço-me. Não o fizestes nunca ?*

VLADIMIR. - Faz tempo que te digo que é necessário descalçar-se todos os dias. Mais virias escutar-me.

ESTRAGON.-(*Fracamente.*) - Ajude-me!

VLADIMIR. - Te encontras mal?

ESTRAGON. - Mal! Perguntas-me se me encontro mau!

VLADIMIR.(*Acalorado.*) - Tu és o único que sofres! Eu não me importo. Entretanto, eu gostaria de ver-te em meu lugar. Já me dirias isso.

ESTRAGON. - Estiveste mal?

VLADIMIR. - Mal! Perguntas-me se estive mal!

ESTRAGON.-(*Assinalando com o indicador*) - Isso não é uma razão para que não te abotoes.

VLADIMIR.-(*Inclinando-se.*) - É verdade. (*abotoando-se*) Não terá que se descuidar nos pequenos detalhes.

ESTRAGON. - O que quer que te digas? Sempre esperas a última hora.

VLADIMIR. (*Sonhadoramente*) - A última hora... (*Medita.*) Demorará; porém valerá a pena. Quem dizia isto?

ESTRAGON. - Não queres me ajudar?

VLADIMIR. - Às vezes, digo-me que, apesar de tudo, chegará. Então, tudo me parece estranho. (*Tira o chapéu, olha dentro, passa a mão pelo interior, agita-o e volta a colocá-lo*) Como o diria? Aliviado e, ao mesmo tempo..., (*Busca.*) espantado. (*Com ênfase.*) Espantado! (*tira outra vez o chapéu e volta a olhar o interior.*) Era só que faltava! (*Golpeia em cima como que caisse algo, olha novamente ao interior e volta colocá-lo*) Assim que...

ESTRAGON. - O que? (*A custo de seu esforço consegue tirar o sapato. Olha dentro, coloca a mão, tira-a, sacode o sapato, olha pelo chão se por acaso caiu algo; não encontra nada, volta a passar a mão sapato, olhando vagamente.*) Nada.

VLADIMIR. - Deixe-me ver.

ESTRAGON. - Não há nada que ver.

VLADIMIR. - Trata de lhe pôr isso.

ESTRAGON. - (*Depois de examinar seu pé.*) Vou deixar que se areje um pouco.

VLADIMIR. - Eis aí um homem de uma peça que a toma por seu calçado, quando a culpa o tem o pé. (*Volta a tirar o chapéu, olha o interior passa a mão, sacode-o, golpeia em cima, sopra dentro, volta a colocá-lo.*) Isto começa a ser inquietante (*Silêncio. ESTRAGON move o pé, separando os dedos para que circule melhor o ar.*) Um dos ladrões se salvou. (*Pausa.*) É uma proporção aceitável. (*Pausa.*) Gogo...

ESTRAGON. - O que?

VLADIMIR. - E se nos arrependêssemos?

ESTRAGON. - E do que?

VLADIMIR. - Pois... (*Titubeando.*) Não faz falta entrar em detalhes.

ESTRAGON. - De ter nascido?

(*VLADIMIR começa a rir a mandíbula batente, mas imediatamente se contém, levando a mão entre as pernas. Com gesto impaciente.*)

VLADIMIR. - Nem sequer nos atrevemos a rir.

ESTRAGON. - Haja privação!

VLADIMIR. - Sorrir somente (*Espalha em seu rosto um supremo sorriso, que depois de um momento extingue-se subitamente.*) Não é o mesmo. Bom... (*Pausa*) Gogo...

ESTRAGON. (*Molesto.*) - O que acontece?

VLADIMIR. - Tem lido a Bíblia?

ESTRAGON. - A Bíblia... Lancei-lhe uma olhada, certamente.

VLADIMIR. (*Surpreso*) - Na escola laica?

ESTRAGON. - Qualquer um sabe se o era ou não.

VLADIMIR. - Deve confundi-la com a prisão juvenil.

ESTRAGON. - Quiçá. Recorda-me os mapas da Terra Santa. Em cores. Muito bonitos. O Mar Morto era azul pálido. Nada mais olhá-lo, entra-me em sede. Pensava: “—Aí iremos passar nossa lua de mel. Banharemo-nos. Seremos felizes.”

VLADIMIR. - Tínhas que ter sido poeta.

ESTRAGON. - Eu fui. (*Assinalando seus farrapos*.) É que não se nota?

(*SILÊNCIO*)

VLADIMIR. - O que estava dizendo?... Como está seu pé?

ESTRAGON. - Está inchando.

VLADIMIR. - Ah! Já recordo: a história dos ladrões. Recorda?

ESTRAGON. - Não.

VLADIMIR. - Assim matamos o tempo. (*Pausa*) Eram dois ladrões crucificados ao mesmo tempo que o Salvador. Se...

ESTRAGON. - O que, quem?

VLADIMIR. - O Salvador. Dois ladrões. Diz-se que um deles foi salvo, e o outro (*Busca a expressão contrária*.) condenado.

ESTRAGON. - Salvo do que?

VLADIMIR. - Do inferno.

ESTRAGON. - Vou-me (*Senta-se quieto*.)

VLADIMIR. - E, entretanto... (*Pausa*) Como é possível que...? Suponho que não te aborreço.

ESTRAGON. - Não, escuto.

VLADIMIR. - Como é possível que, dos quatro evangelistas só um conte os fatos desta forma? Não obstante, os quatro estavam ali; vamos..., não muito longe. Só um fala de um ladrão salvo. (*Pausa*) Bom, Gogo: de quando em quando podia colocar vaza.

ESTRAGON. - Escuto.

VLADIMIR. - Dos quatro, só um. Dos três, dois nem sequer o mencionam, e o terceiro diz que ambos lhe insultaram.

ESTRAGON. - Quem?

VLADIMIR. - Como?

ESTRAGON. - Não entendo nada. (*Pausa*) Insultar, a quem?

VLADIMIR. - Ao Salvador

ESTRAGON. - Por que?

VLADIMIR. - Porque não quis salvá-los.

ESTRAGON. - Do inferno?

VLADIMIR. - Não, homem, não! Da morte.

ESTRAGON. - Nesse caso...?

VLADIMIR. - Os dois deveriam ser condenados.

ESTRAGON. - E depois?

VLADIMIR. - Mas um dos evangelistas diz que um se salvou.

ESTRAGON. - Vá, não estão de acordo; nada mais.

VLADIMIR. - Ali estavam os quatro. E só um fala de um ladrão salvo, por que acreditar em um, mais que aos outros?

ESTRAGON. - Quem lhe acredita?

VLADIMIR. - Pois todos. Só se conhece esta versão.

ESTRAGON. - Somos tontos.

(Levanta-se dificultosamente. Coxeando, dirige-se para a lateral esquerda, detém-se, olha ao longe, protegendo com a mão os olhos; volta-se, vai para a lateral direita, olha ao longe.)

(VLADIMIR o olha, depois pega o sapato, olha dentro, atira-o precipitadamente.)

VLADIMIR. - Puff! (Cospe)

(ESTRAGON dirige-se ao centro do cenário e olha ao fundo.)

ESTRAGON - Formoso lugar! (Volta-se, avança até a bateria e olha para o público.) Rostos sorridentes. (Volta-se até VLADIMIR.) Vamos.

VLADIMIR. - Não podemos.

ESTRAGON. - Por que?

VLADIMIR. - Esperamos ao Godot.

ESTRAGON. - É verdade. (pausa.) Estás seguro de que é aqui?

VLADIMIR. - O que?

ESTRAGON. - Onde terás que esperar.

VLADIMIR. - Disse diante da árvore. (Olham a árvore.) Vês alguma outra?

ESTRAGON. - O que é?

VLADIMIR. - Eu diria que um salgueiro chorão.

ESTRAGON. - Onde estão as folhas?

VLADIMIR. - Devem de estar mortas.

ESTRAGON. - Se acabou seu pranto.

VLADIMIR. - A menos que não seja tempo.

ESTRAGON. - E não seria melhor uma arvorezinha?

VLADIMIR. - Um arbusto.

ESTRAGON. - Uma arvorezinha.

VLADIMIR. - Um... (contém-se.) O que quer insinuar? Que nos equivocamos de lugar?

ESTRAGON. - Já teria que estar aqui.

VLADIMIR. - Não assegurou que viesse.

ESTRAGON. - E se não vem?

VLADIMIR. - Voltaremos amanhã.

ESTRAGON. - E, depois, depois de amanhã.

VLADIMIR. - Possivelmente.

ESTRAGON. - E assim, sucessivamente.

VLADIMIR. - Quer dizer...

ESTRAGON. - Até que venha.

VLADIMIR. - É desumano.

ESTRAGON. - Já viemos ontem.

VLADIMIR. - Ah, não! Nisso te equivocas.

ESTRAGON. - O que fizemos ontem?

VLADIMIR. - Que, e o que fizemos ontem?

ESTRAGON. - Sim.

VLADIMIR. - Pois, pois... (Zangando-se.) Ninguém como você para não se entender.

ESTRAGON. - Eu acredito que estivemos aqui

VLADIMIR. - (Olhando ao redor.) Resulta-te familiar o lugar?

ESTRAGON. - Eu não disse isso.

VLADIMIR. - Então?

ESTRAGON. - Isso não tem nada a ver.

VLADIMIR. - Não obstante..., esta árvore..., (ao público.) essa confusão...

ESTRAGON. - Está seguro de que era esta noite?

VLADIMIR. - O que?

ESTRAGON. - Que devíamos lhe esperar.

VLADIMIR. - Disse no sábado. (Pausa.) Conforme acredito.

ESTRAGON. - Depois do trabalho.

VLADIMIR. - Devo ter anotado. (Revolve em seus bolsos, repletos de toda classe de porcarias.)

ESTRAGON. - Mas que sábado? É hoje sábado? Não seria melhor domingo? Ou segunda-feira? Ou sexta-feira?

VLADIMIR. (*Olhando enlouquecido ao redor dele como se a data estivesse escrita na paisagem.*) - Não é possível.

ESTRAGON. - Ou quinta-feira.

VLADIMIR. - O que fazemos?

ESTRAGON. - Se a noite se machucou num balde, já pode estar seguro de que hoje não vêm.

VLADIMIR. - Mas, dizes, que nós viemos ontem à noite.

ESTRAGON. - Posso me equivocar. (Pausa.) Queres que nos calemos um pouco?

VLADIMIR. - (*Debilmente.*) Bom. (*ESTRAGON senta-se no chão. VLADIMIR percorre com passos longos a cena agitadamente. De quando em quando se detém para observar o horizonte. ESTRAGON dorme. VLADIMIR para diante de ESTRAGON.*) Gogo... (*Silêncio.*) Gogo... (*Silêncio.*) Gogo!

(*ESTRAGON acorda sobressaltado.*)

ESTRAGON. - (*Voltando-se para todo o horror de sua situação.*) Dormia. (*Com recriminação.*) Por que nunca me deixas dormir?

VLADIMIR. - Sentia-me sozinho.

ESTRAGON. - Estava tendo um sonho.

VLADIMIR. - Não me contes isso.

ESTRAGON. - Sonhei que..

VLADIMIR. - Não me contes.

ESTRAGON. - (*Com um gesto como para rodeá-lo.*) Isto te basta? (*Silêncio.*) Didi, não és bom. A quem, a não ser a ti, quer que contes meus pesares íntimos?

VLADIMIR. - Que continuem íntimos. Já sabe que não posso suportá-lo.

ESTRAGON. - (*Friamente.*) Às vezes me pergunto se não seria melhor que nos separássemos.

VLADIMIR. - Não irias muito longe.

ESTRAGON. - Isso seria, com efeito, um grave inconveniente (*Pausa.*) Não é verdade, Didi, que isso seria um grave inconveniente? (*Pausa.*) Dada a beleza do caminho (*Pausa.*) E a bondade dos viajantes. (*Pausa. Lisonjeador.*) Não é verdade, Didi?

VLADIMIR. - Calma.

ESTRAGON. - (*Com voluptuosidade.*) Calma... Calma... (*Sonhador*) Os ingleses dizem «caaalm». São pessoas «caaalms». (*Pausa.*) Sabe a história do inglês no prostíbulo?

VLADIMIR. - Sim.

ESTRAGON. - Conta-me.

VLADIMIR. - Deixe-me.

ESTRAGON. - Um inglês bêbado vai a um prostíbulo. A encarregada lhe pergunta se quer uma loira, uma morena, ou uma ruiva. (*Segue.*)

VLADIMIR. - Deixe-me! (*Sai.*)

(*ESTRAGON levanta-se e segue-lhe até o limite da cena. Mímica do ESTRAGON, semelhante a que um boxeador provoca entre os espectadores. VLADIMIR volta, passa ante o ESTRAGON, cruzando a cena com a vista baixa. ESTRAGON encaminha-se para ele, mas se detém.*)

ESTRAGON. - (Docemente.) Querias falar-me? (VLADIMIR não responde. ESTRAGON avança um passo.) Tínhas algo que me dizer? (Silêncio. Avança outro passo.) Falas, Didi.

VLADIMIR. - (Sem voltar.) Não tenho nada que te dizer.

ESTRAGON. - (Avança outro passo.) Hás te enojado? (Silêncio. Outro passo.) Perdoas.

(Silêncio. Outro passo. Toca-lhe o ombro.) Vamos Didi. (Silêncio.) Dá-me a mão!

(VLADIMIR volta-se.) Dá-me um abraço! (VLADIMIR ergue-se) Venhas, homem!

(VLADIMIR cede. Abraçam-se. ESTRAGON volta-se atrás.) Emprestas o alho!

VLADIMIR. - É para os rins. (Silêncio. ESTRAGON olha a árvore atentamente.) O que fazemos agora?

ESTRAGON. - Esperamos.

VLADIMIR. - Sim; mas enquanto esperamos...

ESTRAGON. - E se nos enforcássemos?

VLADIMIR. - Seria uma maneira de ficarmos divertidos.

ESTRAGON. - Ficar um divertido?

VLADIMIR. - Com todas as consequências. E onde caíssemos, cresceriam mandrágoras. Por isso, quando as arrancam gritam. Não sabia?

ESTRAGON. - Enforquemo-nos agora mesmo.

VLADIMIR. - Em um ramo? (aproximam-se da árvore e contemplam.) Não confio.

ESTRAGON. - Podemos tentar.

VLADIMIR. - Provas.

ESTRAGON. - Primeiro, tu.

VLADIMIR. - Não, não; tu primeiro.

ESTRAGON. - Por que?

VLADIMIR. - Porque pesas menos que eu.

ESTRAGON. - Justamente.

VLADIMIR. - Não comprehendo.

ESTRAGON. - Pensa um pouco!

(VLADIMIR reflete)

VLADIMIR. - (Concluindo.) Não comprehendo.

ESTRAGON - Explicar-te-ei (Medita.) O ramo..., o ramo... (Irado.) Mas tenta comprehendê-lo!

VLADIMIR . - Só tenho a ti.

ESTRAGON. - (Esforçando-se.)

Gogo, ligeiro,

Não se rompe o ramo;

Gogo, morto, Didi pesado;

rompe-se o ramo;

Didi, sozinho...

(Busca a expressão precisa.)

Enquanto que...

(Busca a expressão precisa.)

VLADIMIR. - Não tinha pensado nisto.

ESTRAGON - (Que encontrou a frase que procurava.) Quem pode mais, pode menos.

VLADIMIR. - Mas peso eu mais que tu?

ESTRAGON. - És tu quem o dizes. Eu não sei nada. Há uma probabilidade entre os dois. Ou quase.

VLADIMIR. - Assim, pois, o que fazemos?

ESTRAGON. - Não façamos nada. É mais prudente.

VLADIMIR. - Esperemos a ver o que nos diz.

ESTRAGON. - Quem ?

VLADIMIR. - Godot.

ESTRAGON. - Vás!

VLADIMIR. - Esperemos, acima de tudo, para estar seguros.

ESTRAGON. - Por outro lado, mais vale fazer as coisas quentes.

VLADIMIR - Tenho curiosidade por saber o que nos vai dizer. Isso não nos compromete em nada.

ESTRAGON. - Mas, exatamente, o que é o que lhe pediu?

VLADIMIR. - Não estava ali?

ESTRAGON. - Não prestei atenção.

VLADIMIR. - Pois... Nada em concreto.

ESTRAGON. - Uma espécie de súplica.

VLADIMIR. - Isso.

ESTRAGON. - Uma súplica vaga.

VLADIMIR. - Sim, se quiser.

ESTRAGON. - E o que respondeu?

VLADIMIR. - Que já veria.

ESTRAGON. - Que não podia prometer nada.

VLADIMIR. - Que necessitava refletir.

ESTRAGON. - Serenamente.

VLADIMIR. - Consultar com sua família.

ESTRAGON. - Com seus amigos.

VLADIMIR. - Com seus agentes

ESTRAGON - Com seus representantes.

VLADIMIR. - Seus arquivos.

ESTRAGON. - Sua conta corrente.

VLADIMIR. - Antes de decidir-se.

ESTRAGON. - É natural.

VLADIMIR. - Não é verdade?

ESTRAGON. - Assim me parece.

VLADIMIR. - A mim também.

(pausa.)

ESTRAGON. - E nós?

VLADIMIR. - Como?

ESTRAGON. - Dizia: e nós?

VLADIMIR. - Não entendo.

ESTRAGON. - E o que representamos nós em tudo isto?

VLADIMIR. - Que o que representamos?

ESTRAGON. - Preso ao tempo.

VLADIMIR. - Nosso papel? É o do suplicante.

ESTRAGON. - Até esse extremo?

VLADIMIR. - O senhor se mostra exigente?

ESTRAGON. - E já não temos direitos?

(VLADIMIR ri e cessa bruscamente, como antes. Igual encena, menos o sorriso.)

VLADIMIR. - Serias capaz de me fazer rir.

ESTRAGON. - Perdemos?

VLADIMIR. - (Abertamente.) Liqüidamo-os. (Silêncio. Permanecem imóveis, com os braços pendurando, a cabeça sobre o peito e os joelhos juntos.)

ESTRAGON. - (Fracamente.) Estamos comprometidos? (Pausa.) Né?

VLADIMIR. - (Levantando a mão.) Escuta!

(Escutam grotescamente rígidos)

ESTRAGON. - Não ouço nada.

VLADIMIR. - Chiss! (Escutam. ESTRAGON perde o equilíbrio e está a ponto de cair.

Agarra-se ao braço de VLADIMIR que se cambaleia. Escutam, apertando um contra o outro e olhando-se aos olhos.) Eu tampouco. (Suspiro de alívio. Pausa. Separam-se.)

ESTRAGON. - Assustaste-me.

VLADIMIR. - Acreditei que era ele.

ESTRAGON. - Quem?

VLADIMIR. - Godot.

ESTRAGON. - Ora! O vento entre os canaviais.

VLADIMIR. - Juraria que eram gritos.

ESTRAGON. - E por que tinha que gritar?

VLADIMIR. - À seu cavalo.

(Silêncio.)

ESTRAGON. - Vamos?

VLADIMIR. - Aonde? (Pausa.) Quiçá, esta noite durmamos em sua casa, ao abrigarmo-nos, sob o telhado, com a tripa cheia sobre a palha. Vale a pena que esperemos, não?

ESTRAGON. - Mas não toda a noite.

VLADIMIR. - Ainda é de dia.

(Silêncio.)

ESTRAGON. - Tenho fome.

VLADIMIR. - Quer uma cenoura?

ESTRAGON. - Não tens outra coisa?

VLADIMIR. - Devo ter alguns nabos. Esperando

ESTRAGON. - Dá-me uma cenoura. (VLADIMIR meche em seus bolsos, tira um nabo e o dá ao ESTRAGON.) Obrigado. (Remói-o. Lamentando-se.) É um nabo!

VLADIMIR - Oh, perdoas! Juraria que era uma cenoura. (Busca de novo em seus bolsos e só encontra nabos.) Só há nabos (Segue procurando.) Deves ter comido a última. (Busca.)

Espera, aqui há uma. (Saca, por fim, uma cenoura e dá ao ESTRAGON.) Toma, meu amigo.

(ESTRAGON limpa-a com a manga e começa a comê-la.) Devolve-me o nabo. (ESTRAGON o devolve.) Aproveitas bem, que não há mais.

ESTRAGON. - (Sem deixar de comer.) Fiz uma pergunta.

VLADIMIR. - Ah!

ESTRAGON. - Respondeste-me?

VLADIMIR. - Está boa tua hortaliça?

ESTRAGON. - Está doce.

VLADIMIR. - Melhor, melhor. (Pausa.) O que querias saber?

ESTRAGON. - Já não me lembro. (Come.) E isso é o me chateia. (Olha a cenoura com avaliação e a faz girar no ar com a ponta dos dedos.) É deliciosa sua cenoura. (Chupa meditativamente a ponta.) Escutas, já me lembro! (Dá uma grande bocada.)

VLADIMIR. - O que era?

ESTRAGON. - (Com a boca cheia, distraído.) Não estamos atados?

VLADIMIR. - Não entendo nada.

ESTRAGON. - (*Come, engole.*) Pergunto se estamos atados.

VLADIMIR. - Atados?

ESTRAGON. - Atados.

VLADIMIR. - Como atados?

ESTRAGON. - De pés e mãos.

VLADIMIR. - Mas a quem? Por quem?

ESTRAGON. - A seu bom homem.

VLADIMIR. - Ao Godot? Atados ao Godot? Vá idéia! Absolutamente. (*Pausa.*) Ainda não.

ESTRAGON. - Chama-se Godot?

VLADIMIR. - Assim acredito.

ESTRAGON. - Vá! (*Levanta os restos da cenoura por suas folhas secas e os faz girar ante seus olhos.*) É curioso; quanto mais se come, menos se gosta.

VLADIMIR. - A mim passa-se ao contrário.

ESTRAGON. - Ou seja?

VLADIMIR. - Eu, quanto mais como, mais eu gosto.

ESTRAGON. - (*Que meditou longamente.*) E isso o contrário?

VLADIMIR. - Questão de temperamento.

ESTRAGON. - De caráter.

VLADIMIR. - Não há nada que fazer.

ESTRAGON. - Por mais que alguém se mova.

VLADIMIR. - Cada um é como é.

ESTRAGON. - E não adianta dar voltas.

VLADIMIR. - O fundo não muda.

ESTRAGON. - Não há nada que fazer. (*Oferece ao VLADIMIR o que sobra da cenoura*)

Queres acabar isso?

(*Ouve-se muito perto um grito terrível. ESTRAGON solta a cenoura. Ficam rígidos e depois se precipitam para os laterais. ESTRAGON se detém meio caminho, volta para trás, agarra a cenoura, guarda-a no bolso, equilibra-se para o VLADIMIR, que lhe espera, volta a parar-se, retorna, pega seu sapato, logo corre a unir-se ao VLADIMIR. Agarrados pela cintura, a cabeça sobre os ombros, de costas a ameaça, esperam. Entram POZZO e LUCKY. Aquele dirige a este mediante uma corda ao redor do pescoço, de forma que ao princípio só se vê ao LUCKY, seguido da corda, o suficientemente comprida, como para que possa chegar ao centro da cena, antes que POZZO apareça pela lateral. LUCKY leva uma pesada mala, uma cadeira desmontável, um cesto com comida e, no braço, um casaco, POZZO, um látigo.*)

POZZO. - (*Dentro.*) Mais rápido! (*Estalando o látigo. Entra POZZO. Cruzam a cena.*

*LUCKY passa ante o VLADIMIR e ESTRAGON e sai. POZZO, ao ver o VLADIMIR e ESTRAGON, detém-se. A corda estende-se. POZZO tira-a violentamente.*) Atrás!

(*Ruído de queda. LUCKY caiu com toda sua carga. VLADIMIR e ESTRAGON olham-no, vacilando entre lhe socorrer e o temor de meter-se no que não os importa. VLADIMIR avança um passo para o LUCKY, ESTRAGON lhe agarra pela manga.*)

VLADIMIR. - Deixa-me!

ESTRAGON. - Tenhas calma.

POZZO. - Cuidado! É mau. (*ESTRAGON e VLADIMIR lhe olham.*) Com os estranhos.

ESTRAGON. - (*Baixo.*) É ele?

VLADIMIR. - Quem?

ESTRAGON. - Quem vai ser?

VLADIMIR. - Godot?

ESTRAGON. - Claro.

POZZO. - Apresento-me: POZZO.

VLADIMIR. - Que vai!

ESTRAGON. - Disseste Godot.

VLADIMIR. - O que vai!

ESTRAGON. - (Ao *POZZO*.) Não é você o senhor Godot, senhor?

POZZO. - (Com voz terrível.) Sou *POZZO*! (Silêncio.) Não lhes diz nada este nome?

(Silêncio.) Pergunto-lhes se não lhes diz nada este nome?

(*VLADIMIR e ESTRAGON se consultam com o olhar.*)

ESTRAGON. - (Como quem busca.) Bozzo..., Bozzo.

VLADIMIR. - (Igual.) *POZZO*.

POZZO. - Pppozzo!

ESTRAGON. - Ah!, *POZZO*, vá, vá... *POZZO*...

VLADIMIR. - É *POZZO* ou Bozzo?

ESTRAGON. - *POZZO*...; não, não me diz nada.

ESTRAGON. - (Conciliador.) Conheci uma família Gozzo. A mãe bordava.

(*POZZO avança, ameaçador.*)

ESTRAGON. - (Vivamente.) Nós não somos daqui, senhor.

POZZO. - (Detendo-se.) Entretanto, são seres humanos. (Coloca os óculos.) Ao menos pelo que vejo. (Tira-se os óculos.) De igual espécie que a minha. (Solta uma enorme gargalhada.) Da mesma espécie que *POZZO*! De origem divina!

VLADIMIR. - Ou seja.

POZZO. - (Cortante.) Quem é Godot?

ESTRAGON. - Godot?

POZZO. - Vocês me tomaram pelo Godot.

VLADIMIR. - Oh, não senhor! Nem por um momento, senhor.

POZZO. - Quem é?

VLADIMIR. - Pois é um ..., é um conhecido.

ESTRAGON. - Mas, vamos, não o conhecemos quase.

VLADIMIR. - Evidentemente..., não lhe conhecemos muito bem...; não obstante...

ESTRAGON. - Eu, certamente, não lhe reconheceria.

POZZO. - Vocês me confundiram com ele.

ESTRAGON. - Bem..., a escuridão..., o cansaço..., a debilidade.... a espera...; reconheço... que por um momento... acreditei...

VLADIMIR. - Não leve em conta, senhor, não faça caso!

POZZO. - A espera? Então, esperavam-lhe?

VLADIMIR. - Quer dizer...

POZZO. - Aqui? Em minhas terras?

VLADIMIR. - Não pensávamos fazer nada de mau.

ESTRAGON. - Tínhamos boas intenções.

POZZO. - O caminho é de todos.

VLADIMIR. - É o que nós dizíamos.

POZZO. - É uma vergonha, mas é assim.

ESTRAGON. - Não HÁ NADA A FAZER.

POZZO. - (Com um gesto amplo.) Não falemos mais disso. (Tira-o da corda.) De pé! (Pausa.) Cada vez que cai, fica dormindo. (Tira-o da corda.) De pé, carniça! (Ruído de *LUCKY*, que se

*levanta e pega sua carga. POZZO tira-o da corda.) Atrás! (LUCKY entra recuando.) Quiet! (LUCKY pára.) Volte! (LUCKY se volta. Ao VLADIMIR e ESTRAGON, amavelmente.) Meus amigos: sinto-me feliz por haver-lhes encontrado. (Ante sua expressão de incredulidade.) Pois claro, verdadeiramente feliz! (Tira da corda.) Mais perto! (LUCKY avança.) Quiet! (LUCKY detém-se. Ao VLADIMIR e ESTRAGON.) Já se sabe, o caminho é longo quando se anda sozinho durante... (Consulta seu relógio.), durante... (Calcula.) seis horas, sim, justamente seis horas seguidas sem encontrar uma alma. (Ao LUCKY.) Casaco! (LUCKY põe a mala no chão, avança entrega o casaco, retrocede, volta a pegar a mala.) Toma! (POZZO estende-lhe o látigo. LUCKY avança e, ao não ter mais mãos, inclina-se e agarra o látigo entre os dentes e depois retrocede. POZZO começa a colocar o casaco, mas se detém.) Casaco! (LUCKY deixa tudo no chão, avança, ajuda ao POZZO a colocar o casaco, retrocede e volta a pegar tudo.) O ar é fresco. (Acaba de abotoar o casaco, inclina-se, olha-se, ergue-se.) Látigo! (LUCKY avança, inclina-se, POZZO lhe arranca o látigo da boca, LUCKY retrocede.) Já vêem, amigos não posso permanecer muito tempo sem a companhia de meus semelhantes (Olha aos seus dois semelhantes.), embora só muito imperfeitamente me assemelhem. (Ao LUCKY.) Cadeira! (LUCKY deixa a mala e a cesta, avança abre a cadeira desmontável, coloca-a, retrocede e volta a pegar mala e o cesto. POZZO olha a cadeira.) Mais perto! (LUCKY deposita a mala e o cesto. Avança, move a cadeira, retrocede, volta a pegar a mala e o cesto. POZZO senta-se, apóia o extremo de seu látigo no peito do LUCKY e empurra.) Atrás! (LUCKY retrocede.) Mais atrás! (LUCKY volta a retroceder.) Quiet! (LUCKY detém-se, ao VLADIMIR e ESTRAGON.) Por isso, com sua permissão, ficarei um momento junto a vocês, antes de me aventurar mais adiante. (À LUCKY.) Cesto! (LUCKY avança entrega o cesto, retrocede.) O ar abre o apetite. (Abre o cesto, tira um pedaço de frango, um pedaço de pão e uma garrafa de vinho. Ao LUCKY.) Cesto! (LUCKY avança, pega o cesto, retrocede e fica imóvel.) Mais longe! (LUCKY retrocede). Aí! (LUCKY detém-se.) Empresta! (Bebe um gole na mesma garrafa.) nossa saúde! (Deixa a garrafa e fica a comer.) (Silêncio. ESTRAGON e VLADIMIR, encorajando-se pouco a pouco, giram ao redor do LUCKY e lhe olham por toda parte. POZZO remói com voracidade a parte de frango e atira os ossos depois de chupá-los. LUCKY dobra-se lentamente até que a mala toca o chão, incorpora-se bruscamente e começa outra vez a dobrar-se seguindo o ritmo de quem dorme de pé.)*

ESTRAGON. - O que tem?

VLADIMIR. - Tem aspecto cansado.

ESTRAGON. - Por que não deixa a bagagem?

VLADIMIR. - E eu que sei? (Aproximam-se dele) Cuidado!

ESTRAGON. - E se lhe falássemos?

VLADIMIR. - Olhe isso!

ESTRAGON. - O que?

VLADIMIR. - (Assinalando.) O pescoço.

ESTRAGON. - (Olhando o pescoço.) Não vejo nada.

VLADIMIR. - Ponha-se aqui.

(ESTRAGON fica no lugar do VLADIMIR.)

ESTRAGON. - É verdade.

VLADIMIR. - Em carne-viva.

ESTRAGON. - É a corda.

VLADIMIR. - De tanto lhe roçar.

ESTRAGON. - Já vês.

VLADIMIR. - É o nódulo.

ESTRAGON. - É fatal.

(Reatam sua inspeção; detêm-se no rosto.)

VLADIMIR. - Não está mal.

ESTRAGON. - (Encolhendo-se os ombros, ficando de focinhos.) Parece-te?

VLADIMIR. - Um pouco afeminado.

ESTRAGON. - Baba.

VLADIMIR. - É natural.

ESTRAGON. - Joga espuma.

VLADIMIR. - Possivelmente seja um idiota.

ESTRAGON. - Um cretino.

VLADIMIR. - (Avançando a cabeça.) Parece um escrofuloso.

ESTRAGON. - (O mesmo.) Não é seguro.

VLADIMIR. - Ofega.

ESTRAGON. - É o normal.

VLADIMIR. - E seus olhos!

ESTRAGON. - O que têm?

VLADIMIR. - Saem-lhe.

ESTRAGON. - Para mim que está a ponto de arrebentar.

VLADIMIR. - Não se sabe. (Pausa.) Pergunte-lhe algo.

ESTRAGON. - Tu acreditas?

VLADIMIR. - O que se perde com isso?

ESTRAGON. - (Timidamente.) Senhor... -

VLADIMIR. - Mais alto.

ESTRAGON. - (Mais alto.) Senhor...

POZZO. - Deixem-no em paz! (Voltam-se para o POZZO, que terminou de comer e limpa a boca com o dorso da mão.) Não vêm que quer descansar? (Pega o cachimbo e começa a enchê-lo. ESTRAGON vê os ossos de frango pelo chão e os contempla avidamente. POZZO acende um fósforo e começa a acender seu cachimbo.) Cesto! (LUCKY não se move, POZZO atira o fósforo com raiva e tira da corda.) Cesto! (LUCKY, a ponto de cair, reincorpora-se, avança, guarda a garrafa no cesto, volta para seu lugar e fica como estava. ESTRAGON olha os ossos, POZZO tira outro fósforo e acende seu cachimbo.) O que querem vocês, não é seu ofício. (Aspira uma baforada, estira as pernas.) Ah!, agora estou melhor.

ESTRAGON. - (Timidamente.) Senhor...

POZZO. - O que há, amigo?

ESTRAGON. - Isto..., você não come... isto..., não necessita os ossos..., senhor?

VLADIMIR. - (Irritado.) Não podias esperar?

POZZO. - Pois, não; claro que não, é natural. Se necessito dos ossos? (Move-os com a ponta do látego.) Não, pessoalmente não os necessito. (ESTRAGON dá um passo para os ossos.) Mas...- (ESTRAGON detém-se.) mas, em princípio os ossos pertencem ao que os levou.

Portanto, é a ele a quem têm que perguntar. (ESTRAGON volta-se para o LUCKY, vacila.) Pergunte-lhe, pergunte-lhe não tenha medo, ele o dirá.

(ESTRAGON se dirige para o LUCKY, detém-se ante ele.)

ESTRAGON. - Senhor..., perdão, senhor...

(LUCKY permanece impassível. POZZO faz balançar seu látego. LUCKY levanta a cabeça.)

POZZO. - Estão lhe falando, porco. Responde. (Ao ESTRAGON.) Ande.

ESTRAGON. - Perdão, senhor, quer você os ossos?

(LUCKY olha ao ESTRAGON fixamente).

POZZO. - (Espaçoso.) Senhor! (LUCKY abaixa a cabeça.) Responde! Quer ou não? (Silêncio do LUCKY. Ao ESTRAGON.) São para você. (ESTRAGON equilibra-se sobre os ossos, recolhe-os e começa a roê-los.) É estranho. Esta é a primeira vez que rejeita um osso. (Olha inquietamente a LUCKY.) Espero que não me fará a tarefa de ficar mal. (Chupa o cachimbo.) VLADIMIR. - (Estalando.) É uma vergonha!

(Silêncio. ESTRAGON, estupefato, cessa de roer e olha alternadamente ao VLADIMIR e ao POZZO. POZZO, muito tranqüilo. VLADIMIR, em crescente agitação.)

POZZO. - (Ao VLADIMIR.) Refere-se você a algo em particular?

VLADIMIR. - (Decidido, balbuciando.) Tratar a um homem (Assinala ao LUCKY.) assim... o encontro... um ser humano... não... é uma vergonha!

ESTRAGON. - (Fazendo-lhe coro.) Um escândalo! (Volta a roer.)

POZZO. - São vocês duros. (Ao VLADIMIR.) Se não for indiscrição, que idade tem você?

(Silêncio.) Sessenta? Setenta?... (Ao ESTRAGON.) Quantos anos pode ter?

ESTRAGON. - Pergunte à ele.

POZZO. - Sou indiscreto. (Esvazia, golpeando com o látigo, o cachimbo; levanta-se.)

Agradeço-lhes por me fazerem companhia. (Reflete.) A não ser que fique com vocês a fumar outro cachimbo. O que lhes parece? (Calam.) Oh!, sou um fumante regular, um fumante muito regular; não estou acostumado a fumar dois cachimbos seguidos, isso (Leva a mão ao coração.) produz-me palpitações. (Pausa.) É a nicotina; um outro trago, apesar de todas as precauções. (Sussurra.) O que lhes parece? (Silêncio.) Mas, possivelmente vocês não sejam fumantes. Sim? Não? Bom, é um detalhe. (Silêncio.) Mas, como me sentarei com naturalidade agora, quando já havia me levantado? Pareceria que..., como dizê-lo?..., claudico. (A VLADIMIR.) Dizia você? (Silêncio.) Não dizia você nada? (Silêncio.) Não tem importância. Vejamos... (Reflete.)

ESTRAGON. - Ah!, agora me encontro melhor. (Arroja os ossos.)

VLADIMIR. - Vamos.

ESTRAGON. - Já?

POZZO. - Um momento! (Tira da corda.) Cadeira! (Assinala-a com o látigo, LUCKY a aparta.) Mais! Ali! (Voltam a sentar-se. LUCKY retrocede e agarra de novo a mala e o cesto.) Já estou outra vez instalado! (Começa a carregar seu cachimbo)

VLADIMIR. - Vamos.

POZZO. - Confio em que não se irão por mim. Fiquem um pouco mais, não o lamentarão.

ESTRAGON. - (Cheirando a esmola.) Temos tempo.

POZZO. - (Que acendeu seu cachimbo.) A segunda sempre é pior (Tira-se o cachimbo da boca, a contempla.) que a primeira, quero dizer. (Volta a levar o cachimbo à boca.) Mas também é boa.

VLADIMIR. - Vou.

POZZO. - Não pode suportar minha presença. Sem dúvida sou pouco humano, mas é isso uma razão? (A VLADIMIR.) Pense-o, antes de cometer uma imprudência. Suponhamos que se vai agora, que ainda é de dia, porque, apesar de tudo, ainda é de dia. (Os três olham para o alto.) O que acontece nesse caso... (Tira o cachimbo da boca, olha-o...., apagou (Acende o cachimbo.), nesse caso..., Godet..., Godot..., Godin... (Silêncio.); bom, já sabem vocês a quem me refiro, de que depende seu porvir... - (Silêncio.), bom, seu futuro imediato?

ESTRAGON. - Tem razão.

VLADIMIR. - Como sabia você?

POZZO. - Vá, homem! Já volta a me dirigir a palavra! Acabaremos por nos pegar carinho.

ESTRAGON. - Por que não solta a carga?

POZZO. - Também eu gostaria de lhe encontrar. Quanto mais gente encontro, mais feliz sou. Com a criatura mais insignificante alguém aprende enriquece-se, saboreia melhor sua felicidade. Vocês (Olha-os *atentamente um após o outro para que ambos se saibam olhados.*), vocês mesmos, quem sabe?, é possível que me tenham dado algo.

ESTRAGON. - Por que não solta a carga?

POZZO. - Mas isso estranharia.

VLADIMIR. - Fez-se uma pergunta

POZZO. - (*Absorto.*) Uma pergunta? Quem? Qual? (*Silêncio.*) Faz um momento me chamavam senhor, tremendo. Agora me fazem perguntas. Isto vai acabar mau.

VLADIMIR. - Parece-me que te escuta.

ESTRAGON. - (*Que tornou a girar em torno de LUCKY*) O que?

VLADIMIR. - Pergunte-lhe agora. Está preparado.

ESTRAGON. - Que lhe pergunte o que?

VLADIMIR. - Por que não solta a carga?

ESTRAGON. - É o que eu queria saber.

VLADIMIR. - Anda, pergunte-lhe!

POZZO. - (*Que continua seu diálogo com atenção de espectador, temendo que a pergunta se perca.*) Perguntam-me vocês “por que não solta sua carga”, como vocês dizem.

VLADIMIR. - Isso.

POZZO. - (*Ao ESTRAGON.*) Está você de acordo?

ESTRAGON. - (*Que continua girando em torno de LUCKY.*) Sopra como uma foca.

POZZO. - Vou responder-lhes. (*Ao ESTRAGON.*) Porém, fiquem quietos, suplico, põe-me vocês nervoso.

VLADIMIR. - Vêem aqui.

ESTRAGON. - O que acontece?

VLADIMIR. - Vai falar

(*Imóveis, presos um ao outro, escutam.*)

POZZO. - Perfeito. Estão todos? Olham-me todos? (*Olha ao LUCKY, tira da corda. LUCKY levanta a cabeça.*) Olhe-me, porco. (*LUCKY o olha.*) Perfeito. (*Guarda o cachimbo no bolso, tira um pulverizador, orvalha a garganta e volta a guardá-lo no bolso, pigarra, cospe, volta a tirar o pulverizador, orvalha a garganta e volta a guardá-lo no bolso.*) Estou preparado.

Escutam-me todos? (*Olha ao LUCKY e tira da corda.*) Avança! (*LUCKY avança.*) Aí! (*LUCKY se detém.*) Estão todos preparados? (*Olha aos três, em último lugar ao LUCKY, e tira da corda.*) Agora? (*LUCKY levanta a cabeça.*) Eu não gosto de falar sem que me escutem. Bom. Vejamos. (*Reflete.*)

ESTRAGON. - Vou

POZZO. - O que é exatamente o que me perguntaram?

VLADIMIR. - Por que?

POZZO. - (*Colérico.*) Não me interrompam! (*Pausa. Mais tranqüilo.*) Se falarmos todos a um tempo, não acabaremos nunca. (*Pausa.*) O que estava dizendo? (*Pausa. Mais alto.*) O que estava dizendo?

(*VLADIMIR imita a alguém que leva uma pesada carga. POZZO o olha sem compreender.*)

ESTRAGON. - (*Com força.*) Carga! (*Assinala para o LUCKY*) Por que a leva sempre? (*Imita ao que se inclina pelo peso, ofegando.*) Nunca a deixa. (*Abre as mãos e se levanta, aliviado.*) Por que?

POZZO. - Agora entendo. Havê-lo dito antes, por que não fica cômodo? Tratemos de ver claro. Não tem direito? Sim. Então, é que não quer? O raciocínio é válido. E por que não quer? (Pausa.) Senhores, vou dizer.

VLADIMIR. - Atenção!

POZZO. - Para me impressionar, para que não lhe despeça.

ESTRAGON. - O que?

POZZO. - Possivelmente me tenha explicado mal. Tenta me inspirar compaixão para que renuncie a me separar dele. Não, não é isto exatamente.

VLADIMIR. - Quer você desprender-se dele?

POZZO. - Quer ficar comigo, mas não ficará.

VLADIMIR. - Quer você desprender-se dele?

POZZO. - Pensa que, vendo tão bom carregador, colocar-lhe-ei como tal.

ESTRAGON. - Não quer você?

POZZO. - Em realidade, carrega como um porco. Não é seu ofício.

VLADIMIR. - Quer você desprender-se dele?

POZZO. - Imagina se, ao lhe ver infatigável, arrependo-me. Esse é seu miserável cálculo. Como se faltasse-me peões! (Os três olham ao LUCKY.) Atlas, filho Júpiter! (Silêncio.) E já está. Eu acredito que respondi a sua pergunta, Vocês têm alguma outra que fazer? (Joga o pulverizador.)

VLADIMIR. - Quer você desprender-se dele?

POZZO. - Pensam que eu poderia estar em seu lugar e ele no meu. Se o azar não se houvesse oposto. A cada qual o que se merece.

VLADIMIR. - Quer você desprender-se dele?

POZZO. - O que diz você?

VLADIMIR. - Quer você desprender-se dele?

POZZO. - Efetivamente. Mas em lugar de lhe jogar como poderia fazer, quero dizer, em lugar de lhe pôr simplesmente na porta a patadas no rabo, é tal minha bondade, que o levo ao mercado de São Salvador, onde espero tirar algo dele. Embora, para falar a verdade, a seres como este não lhes pode jogar. Para fazê-lo bem, terei que matá-los.

(LUCKY Chora.)

ESTRAGON. - Chora.

POZZO. - Os cães velhos têm mais dignidade. (Dá seu lenço ao ESTRAGON.) Posto que o compadece, console-o. (ESTRAGON vacila.) Tome. (ESTRAGON agarra o lenço.) Seque-lhe os olhos. Assim sentir-se-á menos abandonado. (ESTRAGON segue vacilando.)

VLADIMIR. - Dê-me, farei eu.

(ESTRAGON não quer lhe dar o lenço. Gestos infantis.)

POZZO. - Venha, venha. Logo já não chorará. (ESTRAGON aproxima-se de LUCKY e se dispõe a secar-lhe os olhos. LUCKY pega-lhe uma violenta patada nas tibias. ESTRAGON solta o lenço, torna-se atrás e dá a volta ao cenário coxeando e gritando de dor.) Lenço.

(LUCKY deixa a mala e o cesto, agarra o lenço, avança, entrega-o ao POZZO, retrocede e agarra a mala e o cesto.)

ESTRAGON. - Porco! Animal! (levanta a calça.) Estropiou-me!

POZZO. - Já lhes adverti que não gostava das pessoas estranhas.

VLADIMIR. - (Ao ESTRAGON.) Deixe-me ver. (ESTRAGON mostra-lhe sua perna. Ao POZZO, com cólera.) Sangra!

POZZO. - Isso é bom sinal.

ESTRAGON. - (Com a perna ferida descoberta.) Já não poderei andar!

VLADIMIR. - (Meigamente.) Eu te levarei. (Pausa.) Caso necessário.

POZZO. - Já não chora. (Ao *ESTRAGON*.) Você o assusta em certo modo. As lágrimas do mundo são imutáveis. Por cada um que começa a chorar, em outra parte há outro que cessa de fazê-lo. O mesmo se passa com a risada. (Ri.) Não falemos, pois, mal de nossos tempos; são piores que os passados. (*Silêncio*.) Claro que tampouco devemos falar bem. (*Silêncio*.) Não falemos. (*Silêncio*.) É certo que a população aumentou.

VLADIMIR. - Tenta andar.

(*ESTRAGON anda coxeando, detém-se ante o LUCKY e cospe-lhe; depois vai se sentar onde estava ao levantar o pano de fundo*.)

POZZO. - Sabem vocês quem me ensinou todas estas coisas tão formosas? (Pausa. Apontando seu dedo para o *LUCKY*.) O!

VLADIMIR. - (Olhando ao céu.) Não chegará a noite alguma vez?

POZZO. - Sem ele, jamais teria pensado, nem sentido, mais que coisas baixas relacionadas com meu ofício de..., não importa o que. Sabia-me incapaz da beleza, a graça, a verdade suprema. Então agarrei um «knut».

VLADIMIR. - (Apesar dele, deixando de contemplar o céu.) Um «knut»?

POZZO. - Logo fará sessenta anos disto... (Calcula mentalmente.), sim, muito em breve, setenta. (Ergue-se garbosamente.) Não os aparento, verdade? (VLADIMIR olha ao *LUCKY*.) Ao lado dele, eu pareço um homem jovem, não? (Pausa. Ao *LUCKY*.) Chapéu! (*LUCKY deixa o cesto e tira o chapéu. Por seu rosto cai uma espessa mecha branca. Agarra o chapéu sob o braço e volta a pegar o cesto*.) Agora, olhem. (POZZO tira seu chapéu. É completamente calvo. Volta a colocar o chapéu.) Viram vocês?

VLADIMIR. - O que é um knut?

POZZO. - Vocês não são daqui. São vocês destes tempos? Antigamente havia bufões. Agora se têm «knuts». Quem pode permitir-lhe

VLADIMIR. - Depois de lhe haver chupado o sangue o atira como uma.. - (Busca a expressão.), como uma pele de platano. Confesse que..

VLADIMIR. - E agora o joga? A um servidor tão velho, tão fiel?

ESTRAGON. - Lixo.

(POZZO, cada vez mais agitado.)

POZZO. - (Gemendo, levando-as mãos à cabeça.) Não posso... suportar... o que faz..., não podem saber..., é horrível..., é necessário que se vá... (Levanta os braços.), volto-me louco. - (Fica abatido, com a cabeça entre os braços.) Não posso mais..., não posso mais... (Silêncio. Todos olham ao POZZO. LUCKY se estremece.)

VLADIMIR. - Não pode mais.

ESTRAGON. - É horrível.

VLADIMIR. - Volta-se louco.

ESTRAGON. - É repugnante.

VLADIMIR. - (Ao *LUCKY*.) Como se atreve? É vergonhoso! Um amo tão bom! Fazer-lhe sofrer assim! Ao cabo de tantos anos! Verdadeiramente!...

POZZO. - (Soluçando.) Antes... era amável..., ajudava-me..., distraía-me..., me fazia melhor...; agora... há-me assassinado.

ESTRAGON. - (Ao *VLADIMIR*.) Quer lhe substituir?

VLADIMIR. - Como?

ESTRAGON. - Não entendi se quer lhe substituir, ou se não o quer a seu lado.

VLADIMIR. - Não acredito.

ESTRAGON. - Como?

VLADIMIR. - Não sei.

ESTRAGON. - Há que lhe perguntar.

POZZO. - (*Tranquillo*) Senhores, não sei o que me passou. Peço-lhes perdão. Esqueçam tudo isto. (*Cada vez mais dono de si.*) Não sei muito bem que disse, mas podem ter a segurança de que não houve nem uma palavra de verdade em tudo isto. (*Levanta-se e golpeia o peito.*) Tenho o aspecto de um homem a quem se faz sofrer? Vamos! (*Pinça em seus bolsos.*) O que se fez de meu cachimbo?

VLADIMIR. - Encantadora reunião.

ESTRAGON. - Indubitável.

VLADIMIR. - E ainda não terminou.

ESTRAGON. - Isso parece.

VLADIMIR. - Não tem feito mais que começar.

ESTRAGON. - É terrível.

VLADIMIR. - Dir-se-ia que estamos em um espetáculo.

ESTRAGON. - No circo.

VLADIMIR. - Em uma revista.

ESTRAGON. - Não, circo.

POZZO. - Mas onde está meu cachimbo?

ESTRAGON. - Que farra! Perdeu seu cachimbo. (*Ri ruidosamente.*)

VLADIMIR. - Já volto. (*dirige-se para os bastidores.*)

ESTRAGON. - Ao fundo do corredor, à esquerda.

VLADIMIR. - Guarda-me o lugar. (*Sai.*)

POZZO. - Perdi meu Abdula!

ESTRAGON. - (*Retorcendo-se.*) É para truncar-se!

POZZO. - (*Levantando a cabeça.*) Vocês não terão visto... (*dá-se conta da ausência de VLADIMIR.*) Oh, partiu!... Sem me dizer adeus. Isso não está bem. Você deveria lhe reter.

ESTRAGON. - Não fará falta.

POZZO. - Oh! (*Pausa.*) Menos mal.

ESTRAGON. - Venha aqui.

POZZO. - Para que?

ESTRAGON. - Já verá.

POZZO. - Quer que me levante?

ESTRAGON. - Venha..., venha, depressa.

(*POZZO se levanta e se dirige para o ESTRAGON*)

ESTRAGON. - Olhe!

POZZO. - Vá, vá!

ESTRAGON. - Acabou-se.

(*VLADIMIR volta, sério; empurra ao LUCKY, tira a cadeira dobrável de uma patada e caminha pelo cenário agitadamente.*)

POZZO. - Não está contente?

ESTRAGON. - Você perdeu algo estupendo. Que lástima!

(*VLADIMIR se detém, levanta a cadeira dobrável e volta a percorrer o cenário, mais tranquillo.*)

POZZO. - Acalma-se. (*Olha ao redor.*) Por outro lado, tudo se acalma, percebo-o. Faz-se uma grande paz. Escutem. (*Levanta a mão.*) Pan dorme.

VLADIMIR. - (*Detendo-se.*) Não acabará de chegar a noite?

(*Os três olham ao céu.*)

POZZO. - Não os convém partir antes?

ESTRAGON. - Quer dizer..., você comprehende.

POZZO. - É natural, tudo é natural. Em seu lugar, eu mesmo, se estivesse chamado com um Godin..., Godet..., Godot, bom, já sabem vocês a quem me refiro, esperaria que fechasse a noite antes de partir. (*Olhe a cadeira.*) Eu gostaria muito de voltar a me sentar, mas não sei como fazê-lo.

ESTRAGON. - Posso lhe ajudar?

POZZO. - Se me pedisse isso, possivelmente.

ESTRAGON. - O que?

POZZO. - Se me pedisse que me sente.

ESTRAGON. - Isso lhe ajudaria?

POZZO. - Parece-me que sim.

ESTRAGON. - Pois, então, sente-se senhor, o rogo.

POZZO. - Não, não, não vale a pena. (*Pausa. Em voz baixa.*) Insista um pouco.

ESTRAGON. - Mas, vamos, não fique de pé, vai resfriar.

POZZO. - Você acredita?

ESTRAGON. - Estou absolutamente seguro.

POZZO. - Sem dúvida tem você razão. (*Volta a sentar-se.*) Mas tenho que lhes deixar se não querer me atrasar.

VLADIMIR. - O tempo deteve-se.

POZZO. - (*Aproximam demos o relógio ao ouvido.*) Não creio, senhor. (*Guarda o relógio no bolso.*) Tudo o que você queira, menos isso.

ESTRAGON. - (*Ao POZZO.*) Hoje tudo o vê negro.

POZZO. - Salvo o firmamento. (*Ri contente da frase feliz.*) Paciência, já chegará. Mas já é só o que acontece: vocês não são daqui e ainda não sabem como são nossos crepúsculos. Querem que o diga? (*Silêncio. ESTRAGON e VLADIMIR ficam a examinar, aquele seu sapato e este seu chapéu. O chapéu do LUCKY cai, sem que se dê conta.*) Eu gostaria de satisfazê-los.

(*Jogo de pulverizador.*) Por favor, um pouco de atenção. (*ESTRAGON e VLADIMIR continuam no seu lugar. LUCKY está meio dormido. POZZO estala o Látego, que produz um ruído muito débil*) O que acontece com este látego? (*levanta-se e faz-lhe estalar com mais força, com êxito ao fim. LUCKY se sobressalta. Ao ESTRAGON e VLADIMIR caem-lhes o sapato e o chapéu respectivamente. POZZO atira o látego.*) Este látego já não vale para nada. (*Olha-se ao auditório.*) O que estava dizendo?

VLADIMIR. - Vamos.

ESTRAGON. - Mas não fique aí de pé, vai adoecer

POZZO. - É verdade. (*Volta a sentar-se. Ao ESTRAGON.*) Como você se chama?

ESTRAGON. - (*Sem vacilar.*) Cátulo.

POZZO. - (*Que não escutou.*) Ah, sim, a noite! (*Levanta a cabeça.*) Mas prestem um pouco mais de atenção se não, não acabaremos nunca. (*Olha ao céu.*) Olhem. (*Todos olham, exceto LUCKY, que voltou a adormecer-se. POZZO se dá conta e tira da corda.*) Quer olhar ao céu, porco? (*LUCKY volta a cabeça.*) Bom, basta! (*Abaixam a cabeça.*) O que tem de extraordinário? Como céu? É pálido e luminoso, como qualquer outro céu a esta mesma hora. (*Pausa.*) Nestas latitudes. (*Pausa*) Quando faz bom tempo. (*Sua voz adquire um tom cantarino.*) Faz uma hora (*Olha seu relógio; em tom prosaico.*) aproximadamente (*Outra vez em tom lírico.*), depois de nos haver enviado desde... (*Vacila, em tom baixo.*) suponhamos as dez da manhã... (*Levanta a voz.*), sem cessar correntes de luz vermelha e branca, começou a perder seu resplendor, a empalidecer (*Gesto com as duas mãos, que baixa escalonadamente.*), a empalidecer, sempre um pouco mais, um pouco mais, até que (*Pausa dramática, longo gesto*

*horizontal com ambas as mãos que se separam.), zas!, acabou-sel, já não se move! (Silêncio.)* Mas *(Levanta a mão como advertência.),* mas depois desse véu de docura e calma *(Levanta os olhos para o céu, imitando-lhe os outros, exceto LUCKY.)* a noite e galopa *(A voz se faz mais vibrante.)* e virá a jogar-se sobre nós *(Estala os dedos.)*, paff!, assim *(Vai a inspiração.)*, quando menos esperemos. *(Silêncio. Voz taciturna.)* Isso é o que acontece nesta puta terra. *(Longo Silêncio.)*

ESTRAGON. - Desde o momento em que se está prevenido...

VLADIMIR. - Pode-se esperar.

ESTRAGON. - Já sabemos a que nos atener.

VLADIMIR. - Não há por que se inquietar.

ESTRAGON. - Não há mais que esperar.

VLADIMIR. - Estamos acostumados. *(Recolhe seu chapéu, olha em seu interior, sacode-o e põe.)*

POZZO. - O que lhes pareceu? *(ESTRAGON e VLADIMIR se olham sem compreender.)*

Bem? Regular? Passável? Algo? Francamente mau?

VLADIMIR. - *(Compreendendo em seguida.)* Oh, muito bom, francamente bom!

POZZO. - *(Ao ESTRAGON.)* E a você, senhor?

ESTRAGON. - *(Com acento inglês.)* Oh, muito bom não, muito, muito, muito, bom não!

POZZO. - *(Em um arranque.)* Obrigado, senhores! *(Pausa.)* Tenho tanta necessidade de estímulo! *(Medita).* Ao final estive um pouco mais frouxo. Não se deram conta?

VLADIMIR. - Oh, possivelmente um pouquinho!

ESTRAGON. - Acreditei que o fazia de propósito.

POZZO. - É que tenho má memória.

*(Silêncio.)*

POZZO. - *(Desolado.)* Aborrece-se você?

ESTRAGON. - Melhor, sim.

POZZO. - *(Ao VLADIMIR.)* E você, senhor?

VLADIMIR. - Não o encontro alegre.

*(Silêncio. POZZO luta interiormente.)*

POZZO. - Senhores, estiveram vocês comigo. *(Busca a palavra.)* atentos.

ESTRAGON. - O que vai!

VLADIMIR. - Vão idéias!

POZZO. - Pois claro que sim, estiveram vocês corretos. De tal forma, que me pergunto: O que poderia fazer eu por estas excelentes pessoas que se aborrecem?

ESTRAGON. - Não nos viria mal uma gorjeta.

VLADIMIR. - Não somos mendigos.

POZZO. - O que eu me pergunto é o que posso fazer para que o tempo lhes faça menos longo. Dei-lhes ossos, falei-lhes multidão de coisas, expliquei-lhes o crepúsculo, de acordo. Mas vejamos: é isto suficiente..., isto é o que me tortura..., é suficiente?

ESTRAGON. - Embora só fossem umas cadelas.

VLADIMIR. - Cale-te!

ESTRAGON. - Vou

POZZO. - Basta isto? Sem dúvida. Mas eu sou generoso. É meu temperamento. Hoje. Pior para mim. *(Tira da corda. LUCKY o olha.)* Porque vou sofrer, não cabe dúvida *(Sem levantar-se, inclina-se e agarra o látego.)* O que preferem vocês? Que dance, que cante, que recite, que pense, que...

ESTRAGON. - Quem?

POZZO. - Quem! Vocês sabem pensar?

VLADIMIR. - O pensa?

POZZO. - Perfeitamente. (*Em voz alta.*) Antes, inclusive pensava belamente e eu podia lhe escutar durante horas e horas. Agora... (*estremece-se.*) Bom, má sorte, assim, querem vocês que pense algo?

ESTRAGON. - A mim, eu gostaria mais, que dançasse; seria mais divertido.

POZZO. - Não tem por que o ser.

ESTRAGON. - Não é verdade, Didi, que seria mais divertido?

VLADIMIR. - Eu gostaria mais lhe ouvir pensar.

ESTRAGON - E não poderia primeiro dançar e depois pensar? Se não for muito pedir-lhe.

VLADIMIR. - (*Ao POZZO.*) É possível?

POZZO. - Naturalmente, nada mais fácil. Além disso, é a ordem natural. (*Risada curta.*)

VLADIMIR. - Então, que dance.

(*Silêncio.*)

POZZO. - (*Ao LUCKY.*) Ouvistes? ESTRAGON. Nunca se nega?

POZZO. - Agora mesmo o explicarei. (*Ao LUCKY.*) Dança asqueroso!

(*LUCKY deixa a mala e o cesto, avança um pouco para a bateria e volta-se para o POZZO.*)

(*ESTRAGON levanta-se para vê-lo melhor. LUCKY dança. Detém-se.*)

ESTRAGON. - Isso é tudo?

POZZO. - Segue!

(*LUCKY repete os mesmos movimentos; detém-se.*)

ESTRAGON. - Vá, porquinho! (*imita os movimentos do LUCKY.*) Isso o faço eu. (*Imita-lhe e está a ponto de cair.*) Com um pouco de treinamento.

VLADIMIR. - Está cansado.

POZZO. - Antes dançava a farandola, a almea, o vaivém, a giga, o fandango e inclusive o «hornpipe». Saltava. Agora já só faz isto. Sabem como se chama?

ESTRAGON. - “A morte do lamparero.”

VLADIMIR. - “O câncer dos anciãos.”

POZZO. - “A dança da rede.” Se acredita pego em uma rede.

VLADIMIR. - (*Com um gesto de entendimento.*) Há algo...

(*LUCKY se dispõe a voltar para sua carga.*)

POZZO. - (*Como um cavalo.*) Sooo!

(*LUCKY fica imóvel*)

ESTRAGON. - Alguma vez se nega?

POZZO. - Vou explicar. (*Procura em seus bolsos.*) Esperem. (*Busca.*) Onde está meu cavanhaque? (*Segue procurando.*) O que me faltava! (*Levanta a cabeça estupefato. Com voz moribunda.*) perdi meu pulverizador!

ESTRAGON. - (*Com voz moribunda.*) Meu pulmão esquerdo está muito débil. (*Tosse fracamente. Com voz de trovão.*) Mas meu pulmão direito está perfeitamente!

POZZO. - (*Com voz normal.*) Que se chateie, prescindirei dele! O que estava dizendo?

(*Reflete.*) O que me faltava! (*Levanta a cabeça.*) Ajudem-me.

ESTRAGON. - Estou procurando!

VLADIMIR. - Eu também .

POZZO. - Olhem!

(*Os três se descobrem simultaneamente, levam-se a mão à frente e concentram-se impaciente. Longo Silêncio.*)

ESTRAGON. - (*Triunfalmente.*) Ah!

VLADIMIR. - Encontrou-o.

POZZO. - (*Impaciente.*) O que há?

ESTRAGON. - Por que não deixa os vultos no chão?

VLADIMIR. - Nada disso.

POZZO. - Está você seguro?

VLADIMIR. - Vamos, se já nos houver isso dito.

POZZO. - Disse-o já?

ESTRAGON. - Disse-nos já?

VLADIMIR. - Pelo resto os deixou.

ESTRAGON. - (*Olha o que faz LUCKY.*) É verdade. Então?.

VLADIMIR. - Posto que deixou os vultos no chão, é impossível que tenhamos perguntado por que não deixa.

POZZO. - Muito bem raciocinado.

ESTRAGON. - E por que o deixaste?

POZZO. - Isso.

VLADIMIR. - Para dançar.

ESTRAGON. - É verdade.

POZZO. - (*Levantando a mão.*) Escutem! (*Pausa.*) Não digam nada. (*Pausa.*) Isso. (*coloca seu chapéu.*) Já estou.

(*ESTRAGON e VLADIMIR voltam a pôr seus chapéus.*)

VLADIMIR. - ENCONTROU-O.

POZZO. - Vejam como ocorre isto.

ESTRAGON. - Do que se trata?

POZZO. - Agora o verão. Mas é muito difícil dizê-lo.

VLADIMIR. - Não o diga.

POZZO. - Oh!, não tenho medo, chegarei. Mas quero ser breve porque se faz tarde. Digam-me o meio de ser breve e ao mesmo tempo claro. Deixem-me refletir.

ESTRAGON. - Seja longo, isso será menos longo.

POZZO. - (*Que refletiu.*) Isso será. Vocês pensem, das duas uma.

ESTRAGON. - É o delírio.

POZZO. - Ou lhe peço algo: dançar, cantar, pensar.

VLADIMIR. - Isso, isso, compreendemos.

POZZO. - Ou não lhe peço nada. Bom. Não me interrompam. Suponhamos que lhe peço... dançar, por exemplo. O que ocorre?

ESTRAGON. - Fica a assobiar.

POZZO. - (*Irritado.*) Não direi uma palavra mais.

VLADIMIR. - Continue, rogo-lhe.

POZZO. - Interrompem-me constantemente.

VLADIMIR. - Siga, siga, é apaixonante.

POZZO. - Insistam um pouco.

ESTRAGON - (*Juntando as mãos.*) Rogo-lhe, senhor, continue seu relato.

POZZO. - Onde estava?

VLADIMIR. - Você lhe pedia que dançasse.

ESTRAGON. - Que cantasse.

POZZO. - Isso, peço-lhe que cante. O que ocorre? Ou bem canta, como lhe peço, ou, em lugar de cantar, como lhe pedira, fica a dançar, por exemplo, ou a pensar, ou a.

VLADIMIR. - Está claro, está claro, coordenê-lo.

ESTRAGON. - Basta!

VLADIMIR. - Entretanto, esta noite faz tudo o que o pede.

POZZO. - É para me enternecer, para que conserve a meu lado.

ESTRAGON. - Tudo isto é conto.

VLADIMIR. - Não é seguro.

ESTRAGON. - Em seguida nos dirá que em tudo isto não houve uma palavra de verdade.

VLADIMIR. - Não protesta?

POZZO. - Estou cansado.

(*Silêncio.*)

ESTRAGON. - Não passa nada, ninguém vêm, ninguém vai. É terrível.

VLADIMIR. - (Ao *POZZO*.) Diga-lhe que pense.

POZZO. - Dê-lhe seu chapéu.

VLADIMIR. - Seu chapéu?

POZZO. - Não pode pensar sem chapéu.

VLADIMIR. - (Ao *ESTRAGON*.) Dê-lhe seu chapéu.

ESTRAGON. - Eu! Depois do golpe que me deu! Nunca!

VLADIMIR. - Dá-lo-ei eu. (*Não se move.*)

ESTRAGON. - Que ele vá para buscá-lo.

POZZO. - É melhor dar-lhe.

VLADIMIR. - Vou dar. (*Pega o chapéu e o oferece ao LUCKY com o braço estendido.*

*LUCKY não se move.*)

POZZO. - É necessário colocar-se-lhe.

ESTRAGON. - (Ao *POZZO*.) Diga-lhe você que o pegue.

POZZO. - É melhor colocar-se-lhe.

VLADIMIR. - Vou colocar. (*Rodeia ao LUCKY com precaução, aproximando-se docemente por detrás; põe o chapéu e retrocede prontamente. LUCKY não se move. Silêncio.*)

ESTRAGON. - Que espera?

POZZO. - Afastem-se! (*ESTRAGON e VLADIMIR afastam-se de LUCKY. POZZO tira-o da corda. LUCKY o olha.*) Pensa porco! (*Pausa. LUCKY começa a dançar.*) Pára! (*LUCKY, detém-se.*) Afaste-se! (*LUCKY se dirige para o POZZO.*) Aí! (*LUCKY pára.*) Pensa! (*Pausa.*) LUCKY. - Por outro lado, por isso respeita...

POZZO. - Pára! (*LUCKY cala-se.*) Para trás! (*LUCKY retrocede.*) Aí! (*LUCKY pára.*) Ria!

(*LUCKY volta-se para o público.*) Pensa!

LUCKY. - (*Em tom monótono.*) Dada a existência tal como surge dos recentes públicos de Pinçon e Wattmann de um Deus pessoal cuacuacuacua barba branca cuacua fora do tempo do espaço que do alto de sua divina apatia sua divina atambía sua divina afasia nos ama muito com algumas exceções não se sabe por que mas isso chegará e sofre tanto como a divina Olhando com aqueles que são não se sabe porque mas se tem tempo na tortura nos fogos cujos fogos as chamas a pouco que durem ainda um pouco e quem pode duvidar incendiarão ao fim as vigas a saber levasssem o inferno às nuvens tão azuis por momentos até hoje e tranqüilas tão tranqüilas com uma tranqüilidade que não por ser luz de alerta é menos bem-vinda mas não antecipemos e considerando por outra parte que como consequência das investigações inacabadas não antecipemos as buscas inacabadas mas entretanto coroada pela Academias da Antropopopometria da Berna no Bresse do Testu e Conard Se estabeleceu sem outra possibilidade de engano que referente aos cálculos humanos que como consequência das investigações inacabadas do Testu e Conard ficou estabelecido tablecido tablecido o que segue que segue que segue a saber mas não antecipemos não se sabe porque como consequência dos trabalhos do Pincon e Wattmann resulta tão claro tão claro que em vista dos trabalhos do Fartov e Belcher inacabados inacabados não se sabe por que do Testu e Conard inacabados

incabados resulta que o homem contrariamente à opinião contrária que o homem no Bresse do Testu e Conard que o homem enfim em uma palavra que o homem em uma palavra enfim apesar dos progressos da alimentação e de eliminação dos resíduos está a ponto de emagrecer e ao mesmo tempo paralelamente não se sabe por que apesar do impulso da cultura física da prática dos esportes tais tais como o tennis o futebol as carreiras e a pé e em bicicleta a natação a equitação a aviação a conação o tennis o remo a patinagem sobre gelo e sobre asfalto o tennis a aviação os esportes os esportes de inverno do verão de outono o tennis sobre erva sobre abeto sobre terra firme a aviação o tennis o hóquei sobre terra sobre mar e nos ares a penicilina e sucedâneos em uma palavra volto para ao mesmo tempo paralelamente a reduzir não se sabe por que apesar o tênis volto a aviação o golfe tanto às nove como às dezoito horas o tênis sobre gelo em uma palavra não se sabe por que no Sein e Seine-et-Oise Seine-et-Marne Marn e-et-Qise a saber ao mesmo tempo paralelamente não se sabe por quanto emagrecer encolher Vuesvo Qise Marne em uma palavra a perda seca por barba da morte do Voitaire sendo da ordem de dois dedos cem gramas por barba aproximadamente por término meio pouco mais ou menos cifra redondas bom peso despido na Normandia não se sabe por que em uma palavra enfim pouco importam os feitos está aí e considerando por outra parte o que ainda é mais grave que surge o que ainda é mais grave à luz a luz das experiências atuais do Steinweg e Peterman surge o que ainda é mais grande que surge o que ainda é mais grave à luz da luz das experiências abandonadas do Steinweg e Peterman que no campo na montanha e a borda do mar e dos cursos de água e de fogo o ar é o mesmo e a terra a saber o ar e a terra pelos grandes frios o ar e a terra feitos para as pedras por os grandes frios aí na sétima de sua era o éter a terra o mar para as pedras pelos grandes recursos os grandes frios sobre mar sobre terra e nos ares pouco - querido volto não se sabe por que apesar do tennis os fatos estão aí não se sabe por que volto para seguinte em uma palavra enfim aí ao seguinte pelas pedras que pode duvidar volto mas não antecipemos volto a cabeça a cabeça na Normandia apesar do tênis os trabalhos abandonados inacabados mais graves as pedras em uma palavra volto aí aí abandonados inacabados a cabeça a cabeça na Normandia apesar do tênis a cabeça aí as pedras Conard Conard. (*Mèlée. LUCKY lança ainda alguns gritos.*) Tênis!... As pedras!!!... Tão tranqüilas!... Conard!... Inacabados!...

POZZO. - Seu chapéu. (*VLADIMIR se apodera do chapéu do LUCKY, que se cala e cai. Grande silêncio. Os vencedores ofegam.*)

ESTRAGON. - Estou vingado.

(*VLADIMIR contempla o chapéu do LUCKY e olha dentro.*)

POZZO. - Dê-me isso! (*Arranca o chapéu do VLADIMIR, joga-o no chão e o pisoteia.*)

Assim não pensará mais!

VLADIMIR. - Mas poderá orientar-se?

POZZO. - Eu lhe orientarei. (*Dirige-se ao LUCKY.*) De pé! Porco!

ESTRAGON. - Quiçá esteja morto.

VLADIMIR. - Vá você matá-lo.

POZZO. - De pé! Carrofla! (*Tira-o da corda. LUCKY escorrega. Ao ESTRAGON e VLADIMIR.*) Ajudem-me!

VLADIMIR. - Porém, como?

POZZO. - Levantem-no!

(*ESTRAGON e VLADIMIR põem em pé ao LUCKY, sustentam-lhe um momento, depois lhe deixam. Volta a cair.*)

ESTRAGON. - Ele faz de propósito.

POZZO. - Há que sustentar-lhe. (Pausa.) Venha, venha, levantem-no!

ESTRAGON. - Estou farto!

VLADIMIR. - Vamos, provemos outra vez.

ESTRAGON. - Por quem nos há tomado?

VLADIMIR. - Vamos! (*Põem ao LUCKY em pé, sustentam-no.*)

POZZO. - Não o soltem! (*ESTRAGON e VLADIMIR vacilam.*) Estejam-se quietos! (*POZZO agarra a mala e o cesto e os leva para o LUCKY.*) Sujeitem-no bem! (*Põe a mala na mão do LUCKY, o qual a tira imediatamente.*) Não lhe soltem! (*Volta a começar. Pouco a pouco, ao contato com a mala, LUCKY volta em si e seus dedos acabam por fechar-se em torno da alça.*) Não o soltem! (*Do mesmo modo com o cesto.*) Ea!, já podem soltá-lo. (*ESTRAGON e VLADIMIR se separam do LUCKY, que dá um tropeção, vacila, dobra-se, mas consegue manter-se em pé com a mala e o cesto nas mãos. POZZO retrocede, e estala o látego.*)

Adiante! (*LUCKY avança.*) Atrás! (*LUCKY retrocede.*) Volte! (*LUCKY se volta.*) Já está, pode andar! (*Voltando-se para o ESTRAGON e VLADIMIR.*) Obrigado, senhores, e permitam-me... (*Rebusca em seus bolsos.*) desejar-lhes. (*Rebusca.*) desejar-lhes... (*Rebusca.*) Mas onde tenho meu relógio? (*Rebusca.*) Era só o que faltava (*Levanta a cabeça, derrotada.*) Um autêntico relógio de tampa. Senhores, com minuto. Deu-me isso meu compadre. (*Rebusca.*) Pode ter caído (Procura pelo chão, assim como VLADIMIR e ESTRAGON. POZZO revolve com o pé os restos do chapéu do LUCKY.) Era só o que faltava!

VLADIMIR. - Possivelmente, esteja em seu bolsinho.

POZZO. - Esperem! (*Inclina-se, e, aproximando sua cabeça ao ventre, escuta.*) Não ouço nada! (*Ele faz sinal de que se aproximem.*) Devem ver. (*ESTRAGON e VLADIMIR vão para ele e se inclinam sobre o ventre. Silêncio.*) dever-se-ia ouvir o tic tac.

VLADIMIR. - Silêncio!

(*Todos escutam inclinados.*)

ESTRAGON. - Eu ouço algo.

POZZO. - Onde?

VLADIMIR. - No coração.

POZZO. - (*Deceptionado.*) A merda!

VLADIMIR. - Silêncio!

(*Escutam.*)

ESTRAGON. - Quiçá se tenha parado.

(*Erguem-se.*)

POZZO. - Quem de vocês cheira tão mal?

ESTRAGON. - A este lhe cheira a boca, a mim os pés.

POZZO. - Deixo-os!

ESTRAGON. - E seu relógio?

POZZO. - Devo ter deixado no castelo.

ESTRAGON. - Então, adeus.

POZZO. - Adeus.

VLADIMIR. - Adeus.

ESTRAGON. - Adeus

(*Silêncio. Ninguém se move.*)

VLADIMIR. - Adeus.

POZZO. - Adeus.

ESTRAGON. - Adeus.

POZZO. - E obrigado

VLADIMIR. - À você.

POZZO. - De nada.

ESTRAGON. - Sim, sim.

POZZO. - Não, não.

VLADIMIR. - Sim sim.

ESTRAGON. - Não, não.

POZZO. - Não acabo... (*Vacila.*) de partir.

ESTRAGON. - Assim é a vida!

(*Silêncio.*)

(*POZZO volta, afasta-se do LUCKY, para a lateral, estendendo a corda à medida que avança.*)

VLADIMIR. - Equivocou-se de caminho

POZZO. - Necessito carreirinha. (*Ao chegar ao extremo de corda, quer dizer, ao bastidor, detém-se, volta e grita:*) Afastem-se! (*ESTRAGON e VLADIMIR vão ao fundo, olhando para o POZZO. Ruído de látigo.*) Adiante! (*LUCKY não se move.*)

ESTRAGON. - Adiante!

VLADIMIR. - Adiante!

(*Ruído de látigo. LUCKY fica em marcha.*)

POZZO. - Mais depressa! (*Sai da lateral, atravessa a cena atrás o LUCKY. ESTRAGON e VLADIMIR tiram o chapéu, agitam as mãos. LUCKY sai. POZZO faz soar a corda e o látigo:*) Mais depressa! Mais depressa! (*No momento em que vai desaparecer, POZZO se detém e volta. A corda estende-se. Ruído do LUCKY, que cai.*) Minha cadeira! (*VLADIMIR vai procurar a cadeira e a dá a POZZO, quem a joga para o LUCKY.*) Adeus!

ESTRAGON e VLADIMIR. - (*Agitando as mãos.*) Adeus! Adeus!

POZZO. - Em pé! Porco! (*Ruído do LUCKY, que se levanta.*) Adiante! (*POZZO sai. Ruído do látigo.*) Adiante! Adeus! Mais depressa! Porco! Arre! Adeus!

(*Silêncio.*)

VLADIMIR. - Tem-nos feito acontecer o momento.

ESTRAGON. - Sem isto, passaria igualmente.

VLADIMIR. - Sei, mas mais devagar.

(*Pausa.*)

ESTRAGON. - O que fazemos agora?

VLADIMIR. - Não sei.

ESTRAGON. - Vamos.

VLADIMIR. - Não podemos.

ESTRAGON. - Por que?

VLADIMIR. - Esperamos ao Godot.

ESTRAGON. - É verdade.

(*Pausa.*)

VLADIMIR. - Mudaram muito.

ESTRAGON. - Quem?

VLADIMIR. - Esses dois.

ESTRAGON. - Isso. Conversemos um pouco.

VLADIMIR. - Não é verdade que mudaram muito?

ESTRAGON. - É provável. Só nós não mudamos.

VLADIMIR. - Provável? Sem dúvida. Os viu bem?

ESTRAGON. - Como queira. Mas não os conheço.

VLADIMIR. - Pois claro que os conhece.

ESTRAGON. - Pois claro que não.

VLADIMIR. - Te digo que os conhecemos. Se esquece de tudo. (*Pausa.*) A menos que não sejam os mesmos.

ESTRAGON. - A prova é que não nos reconheceram.

VLADIMIR. - Isso não tem nada a ver. Eu também fiz como quem não os reconhecia. Além disso, a nós nunca nos reconhecem.

ESTRAGON. - Basta! Era só o que faltava! Ai! (*VLADIMIR não se move.*) Ai!

VLADIMIR. - A menos que não sejam os mesmos.

ESTRAGON. - Didi! É o outro pé! (*dirige-se coxeando para o lugar em que estava sentado ao levantar o pano de fundo.*)

MOÇO - (*Dentro.*) Senhor!

(*ESTRAGON detém-se. Ambos olham para onde soou a voz.*)

ESTRAGON. - Isto volta a começar.

VLADIMIR. - Aproxime-se, moço.

(*Entra temerosamente um MOÇO. Detém-se.*)

MOÇO. - O senhor Alberto?

VLADIMIR. - Sou eu.

ESTRAGON. - O que quer?

VLADIMIR. - Venha aqui.

(*O MOÇO não se move.*)

ESTRAGON. - (*Com energia.*) Vêm aqui, digo-te!

(*O MOÇO avança temerosamente, detém-se.*)

VLADIMIR. - O que passa?

MOÇO. - O senhor Godot. (*cala-se.*)

VLADIMIR. - Naturalmente. (*Pausa.*) Aproxime-se.

(*O MOÇO não se move.*)

ESTRAGON. - (*Com energia.*) Disse-lhe que se aproxime! (*O MOÇO avança temerosamente, detém-se.*) Por que vem tão tarde?

VLADIMIR. - Tem uma mensagem do senhor Godot?

MOÇO. - Sim, senhor.

VLADIMIR. - Pois venha, diga-o.

ESTRAGON. - Por que vem tão tarde?

(*O MOÇO olha um após o outro, sem saber a qual dos dois responder.*)

VLADIMIR. - (*Ao ESTRAGON.*) Deixe-lhe tranquilo.

ESTRAGON. - (*Ao VLADIMIR.*) A mim, deixe-me em paz! (*Dirigindo-se para o MOÇO.*) Sabe que horas são?

MOÇO. - (*Retrocedendo.*) Eu não tenho culpa, senhor.

ESTRAGON. - Eu a terei, então.

MOÇO. - Tinha medo, senhor.

ESTRAGON. - Medo de quem? De nós? (*Pausa.*) Responde!

VLADIMIR. - Já sei do que se trata; eram os outros os que lhe davam medo.

ESTRAGON. - Quanto tempo faz que está aí?

MOÇO. - Faz um momento, senhor.

VLADIMIR. - Dava-lhe medo o látego?

MOÇO. - Sim, senhor.

VLADIMIR. - Os gritos?

MOÇO. - Sim, senhor.

VLADIMIR. - Os dois senhores?

MOÇO. - Sim, senhor.

VLADIMIR. - Conhece-os?

MOÇO. - Não, senhor.

ESTRAGON. - Tudo isto é uma mentira! (*Agarra ao MOÇO pelo braço, sacode-lhe.*) Diga-nos a verdade!

MOÇO. - (*Tremendo.*) Mas se for a verdade, senhor!

VLADIMIR. - Deixe-lhe em paz de uma vez! O que lhe passa? (*ESTRAGON solta ao MOÇO, retrocede, leva-se as mãos à cara. VLADIMIR e o MOÇO lhe olham. ESTRAGON descobre sua cara, decomposta.*) O que se passa?

ESTRAGON. - Sou desgraçado.

VLADIMIR. - Fora brincadeiras! Desde quando?

ESTRAGON. - Havia o escondido.

VLADIMIR. - A memória nos faz estas sacanagens. (*ESTRAGON quer falar e renuncia, vai coxeando sentar-se e começa a descalçar-se. Ao MOÇO.*) Bom...

MOÇO. - O senhor Godot...

VLADIMIR. - (*Interrompendo-lhe.*) Já lhe viu outra vez, não?

MOÇO. - Não sei, senhor.

VLADIMIR. - Não me conhece?

MOÇO. - Não, senhor.

VLADIMIR. - Não veio ontem?

MOÇO. - Não, senhor.

VLADIMIR. - É a primeira vez que vem?

MOÇO. - Sim, senhor.

(*Silêncio.*)

VLADIMIR. - Que bem lhe sabe o papel! (*Pausa.*) Bom, segue.

MOÇO. - (*De um puxão.*) O senhor Godot me disse que lhes diga que não vêm esta noite e, mas sim certamente amanhã.

VLADIMIR. - Isso é tudo?

MOÇO. - Sim, senhor.

VLADIMIR. - Trabalha para o senhor Godot?

MOÇO. - Sim, senhor.

VLADIMIR. - O que faz?

MOÇO. - Cuido das cabras, senhor.

VLADIMIR. - É amável consigo?

MOÇO. - Sim, senhor.

VLADIMIR. - Não lhe pega?

MOÇO. - Não, senhor, a mim não.

VLADIMIR. - A quem pega?

MOÇO. - A meu irmão, senhor.

VLADIMIR. - Ah! Tem um irmão?

MOÇO. - Sim, senhor.

VLADIMIR. - E que faz?

MOÇO. - Cuida das ovelhas, senhor.

VLADIMIR. - E por que não lhe pega?

MOÇO. - Não sei, senhor.

VLADIMIR. - Devem lhe querer.

MOÇO. - Não sei, senhor.

VLADIMIR. - Dá-lhe bem de comer? (*O MOÇO duvida.*) Que se lhe dá bem de comer.

MOÇO. - Muito bem, senhor.

VLADIMIR. - Não é desgraçado? (*O MOÇO duvida.*) Compreende-me?

MOÇO. - Sim, senhor.

VLADIMIR. - Pois então?

MOÇO. - Não sei, senhor.

VLADIMIR. - Não sabe se é desgraçado ou não?

MOÇO. - Não, senhor.

VLADIMIR. - Como eu. (*Pausa.*) Onde dorme?

MOÇO. - No celeiro, senhor.

VLADIMIR. - Com seu irmão?

MOÇO. - Sim, senhor.

VLADIMIR. - No feno?

MOÇO - Sim, senhor.

(*Pausa.*)

VLADIMIR. - Bem, se vê.

MOÇO. - O que tenho que dizer ao senhor Godot senhor?

VLADIMIR. - Diga-lhe... (*Vacila.*) diga-lhe que nos viu. (*Pausa.*) Viu-nos perfeitamente, não é verdade?

MOÇO. - Sim, senhor. (*Retrocede, vacila, volta-se sai correndo.*)

(*A luz começa a descer bruscamente. Em um momento fechou a noite. A lua se levanta, ao fundo, sobe ao firmamento, imobiliza-se, alagando a cena de uma chapeada claridade.*)

VLADIMIR. - Bom! (*ESTRAGON levanta-se e dirige-se para o VLADIMIR, com os dois sapatos na mão. Põe-os junto à bateria, ergue-se e olha à lua.*) O que faz?

ESTRAGON. - Como você, contemplo a lua.

VLADIMIR. - Quero dizer, com seus sapatos.

ESTRAGON - Deixo-os aí. (*Pausa.*) Alguém virá tão... tão... como eu, mas calçando um número menor e lhe farão feliz.

VLADIMIR. - Mas você não pode andar descalço.

ESTRAGON. - Jesus o fez.

VLADIMIR. - Jesus! E o que tem a ver? Não irá comparar-se com ele!

ESTRAGON. - Toda minha vida me comparei com ele.

VLADIMIR. - Porém lá fazia calor. Fazia bom tempo!

ESTRAGON. - Sim. E ao menor descuido, crucificavam.

VLADIMIR. - Já não temos nada que fazer aqui.

ESTRAGON. - Nem em nenhuma parte.

VLADIMIR. - Vamos, Gogo, não seja assim. Amanhã será outro dia.

ESTRAGON. - Como?

VLADIMIR. - Não ouviu o que disse o moço?

ESTRAGON - Não.

VLADIMIR. - Disse que Godot certamente virá amanhã. (*Pausa.*) Não lhe diz nada isso?

ESTRAGON. - Então, terá que esperar aqui.

VLADIMIR. - Está louco! Terá que se cobrir! (*Agarra ao ESTRAGON pelo braço.*) Vêm. (O conduz. *Ao princípio, ESTRAGON se deixa levar, depois resiste. Detêm-se.*)

ESTRAGON. - (*Olhando a árvore.*) Que pena que não tenhamos um pouco mais de corda!

VLADIMIR. - Vêm. Começa a fazer frio. (*Conduz-o. Do mesmo modo.*)

ESTRAGON. - Recorde-me amanhã a que traga uma corda.

VLADIMIR. - Sim. Vêm (*Conduz-o. Do mesmo modo.*)

ESTRAGON. - Quanto tempo faz que estamos sempre juntos?

VLADIMIR. - Não sei. Possivelmente cinqüenta anos.

ESTRAGON. - Lembra-se do dia que me joguei no rio?

VLADIMIR. - Estábamos na colheita de uvas.

ESTRAGON. - Você me tirou.

VLADIMIR. - Quem se lembra disso!

ESTRAGON. - Minha roupa se secou ao sol.

VLADIMIR. - Não pense mais. Vêm. (*O mesmo jogo.*)

ESTRAGON - Espera.

VLADIMIR. - Tenho frio.

ESTRAGON. - Pergunto-me se não teria sido melhor que cada um fosse por seu lado. (*Pausa.*)

Possivelmente não somos feitos um para o outro.

VLADIMIR. - (*Sem zangar-se.*) Não se sabe.

ESTRAGON. - Não, não se sabe nada.

VLADIMIR. - Ainda estamos a tempo de nos separar se acredita que é melhor.

ESTRAGON. - Agora, já não vale a pena.

(*Silêncio*)

VLADIMIR. - É verdade, agora já não vale a pena.

(*Silêncio.*)

ESTRAGON. - O que! Vamos?

VLADIMIR. - Vamo-nos

(*Não se movem.*)

*Fecham-se as cortinas*